

## “A gente se ama e se odeia ao mesmo tempo”<sup>1</sup>: uma análise das práticas de masculinidade juvenis em dinâmicas de sociabilidade mediadas pelos *smartphones*

“We love and hate each other at the same time”: An analysis of young  
male practices in dynamics of sociability mediated by smartphones

Thiago Álvares da Trindade<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, 1000, Camobi,  
97105-900, Santa Maria, RS, Brasil. thiagoatrindade95@gmail.com

Sandra Rúbia da Silva<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, 1000, Camobi,  
97105-900, Santa Maria, RS, Brasil. sandraxrubia@gmail.com

---

**Resumo.** No presente artigo, investigamos as dinâmicas de sociabilidade juvenis mediadas pelos *smartphones*. Logo, por meio de uma perspectiva antropológica do consumo, de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004), analisamos as práticas de consumo desses dispositivos por um grupo de adolescentes. Por intermédio de uma abordagem etnográfica, acompanhamos, durante o período de 10 meses, 13 adolescentes, a fim de investigar a influência dos *smartphones* nas suas dinâmicas de sociabilidade. Enfim, identificamos algumas táticas (Certeau, 1998) realizadas por eles com o objetivo de atuar na manutenção dos circuitos de sociabilidade dentro e fora da esfera digital, principalmente, por meio de duas dinâmicas de interação: o conflito e a competição. Assim, recorrendo a um recorte de gênero, compreendemos que as sociabilidades mediadas por esses dispositivos englobam *performances* (Butler, 1990) de masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt, 2013; Almeida, 1995; Grossi, 2004; Cecchetto, 2004), como: agressividade, virilidade e competitividade. Ao fim, concluímos que as dinâmicas de sociabilidade mediadas pelos *smartphones* são ressignificadas com o intuito de

**Abstract.** In this article, we investigated the sociability dynamics of young people mediated by smartphones. Therefore, through an anthropological perspective of the consumption by Mary Douglas and Baron Isherwood (2004), we analyzed the consumption practices of these devices in a group of adolescents. Through an ethnographic approach, we followed, during a ten-month period, thirteen adolescents in order to investigate the influence of smartphones on their sociability dynamics. Finally, we identify some tactics (Certeau, 1998) used by these young people to work in the maintenance of the circuits of sociability inside and outside the digital sphere, mainly through two interaction dynamics: conflict and competition. Thus, we understood, by means of a gender perspective, the sociability mediated by these devices encompasses performances (Butler, 1990) of hegemonic masculinity (Connell and Messerschmidt, 2013; Almeida, 1995; Grossi, 2004; Cecchetto, 2004), such as: aggressiveness, virility and competitiveness. At the end, we conclude that the dynamics of sociability mediated by smartphones are redefined in order to attend to the interaction needs and gender affirmation of

<sup>1</sup> Frase dita por Leon, um dos participantes da pesquisa.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação – linha: Mídia e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CAPES.

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação (UFRGS) e doutor em Antropologia Social I (UFSC). Coordenador do grupo de pesquisa “Consumo e Culturas Digitais”.

atender às necessidades de interação e de afirmação de gênero desses indivíduos. Além disso, os elementos de masculinidade hegemônica presentes nessas práticas auxiliam na constituição de uma hierarquia social entre os jovens participantes de eventos conflitivos e competitivos.

**Palavras-chave:** comunicação, antropologia do consumo, juventudes, *smartphones*, masculinidades.

these individuals. In addition, the elements of hegemonic masculinity present in these dynamics assist in the constitution of a social hierarchy among the young participants of conflicting and competitive events.

**Keywords:** communication, anthropology of consumption, youths, *smartphones*, masculinities.

---

## Introdução

Nas últimas décadas, a evolução dos aparatos tecnológicos tem reforçado a consolidação de um novo cenário social o qual foi marcado pela presença das tecnologias digitais no cotidiano. Diante de tal fato, esta pesquisa se apoiou nas facetas de um aparelho que atingiu a disseminação massiva ao redor do globo: o *smartphone*. Esse dispositivo atraiu a atenção dos estudos acadêmicos em consequência da sua apropriação em distintas camadas culturais e, também, pelas transformações que possibilitou nos modos de interação e comunicação. Nesse sentido, as mediações dos *smartphones* corroboraram para que as práticas de sociabilidade alcançassem outros patamares. Portanto, compreendemos que esses dispositivos assumem papel de importância na sociedade em diferentes níveis, como: comunicação, entretenimento, relacionamento e etc.

Frente a isso, a questão que essa pesquisa buscou responder foi: “quais são as dinâmicas de sociabilidade juvenis mediadas pelos *smartphones* dentro e fora da esfera digital?” Para responder tal questionamento, o objetivo desse artigo foi investigar o papel dos aparelhos celulares e a sua influência na sociabilidade de um grupo de jovens em particular. Nesse passo, entendemos as juventudes enquanto indivíduos que nasceram no auge da internet comercial e estão familiarizados com as tecnologias e ferramentas digitais. Ser jovem na contemporaneidade exige maior domínio tecnológico do que a geração dos seus pais e avós. De todo modo, é difícil afirmarmos a existência de “nativos digitais” dado que o acesso a dispositivos tecnológicos e a redes de conexão à internet ainda não são uma realidade para milhares de indivíduos ao redor do mundo (Miller *et al.*, 2016; Castro, 2012).

Para os jovens participantes da pesquisa o *smartphone* é o principal modo de estarem, permanentemente, conectados junto a amigos,

colegas e conhecidos através das mídias sociais digitais e das plataformas de conversação *on-line*. Esse e demais outros apontamentos nos levam a considerar que as dinâmicas de sociabilidade desses indivíduos são redimensionadas pelas práticas de consumo de *smartphones*. Como exemplo, elencamos alguns dos usos desses aparelhos para atender as necessidades de sociabilidade dos jovens estudados, como: conversações nas plataformas digitais; e interações em sites de rede social. De acordo com, Michel De Certeau esses usos podem ser entendidos enquanto táticas – que são as reapropriações das práticas com a finalidade de alterar o significado dessas ações e, assim, “driblar os termos dos contratos sociais” (1998, p. 41) estabelecidos de antemão, com o sentido de afirmar um grupo de indivíduos ou as suas condutas. Ainda segundo o autor, “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural” (Certeau, 1998, p. 41).

Com base nessas ponderações o artigo se desdobra em dois eixos principais: a discussão sobre a influência das práticas de consumo de *smartphones* nas dinâmicas de sociabilidade juvenil; e o debate sobre a masculinidade hegemônica (Almeida, 1995; Grossi 2004), que cerca as sociabilidades desses indivíduos, a partir das condutas de agressividade, virilidade e competitividade. Portanto, a ótica da antropologia do consumo (Douglas e Isherwood, 2004) e dos estudos de masculinidade (Almeida, 1995; Grossi, 2004; Cecchetto, 2004) cai sobre o nosso objeto empírico a fim de contribuir com a perspectiva teórica da pesquisa. Dessa maneira, debruçamo-nos sobre as dinâmicas de sociabilidade de jovens que vivem e estudam em uma região periférica da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A reflexão sobre as performances (Butler, 1990) de masculinidade hegemônica junto às dinâmicas de sociabilidade juvenis foi um dos

muitos caminhos pelo qual o campo nos guiou. Confessamos que de início não era objetivo da nossa observação identificar recortes de gênero, todavia, as contribuições do campo destacaram que os smartphones são embebecidos de funções simbólicas que demarcam os seus usos e apropriações por determinado grupo de indivíduos (Silva, 2012). Assim, por meio da pesquisa etnográfica, identificamos que as práticas de interação entre os jovens pesquisados estão cercadas por condutas que se aproximam de um modelo hegemônico de masculinidade (Cecchetto, 2004). Os apontamentos levantados engendram os valores que atuam na distinção entre os gêneros e galgam para a constituição de um padrão de homem e de mulher na cultura brasileira. Diante dos estudos de gênero, o modelo de homem que é constituído e valorizado é compreendido enquanto padrão hegemônico. Assim, a delimitação de um comportamento social convencional para os homens é o que estabelece uma masculinidade hegemônica. Em suma, a principal característica desse modelo é a subordinação dos demais padrões de masculinidade e das mulheres (Connel e Messerschmidt, 2013; Almeida, 1995; Cecchetto, 2004; Grossi, 2004).

O modelo hegemônico de masculinidade está vinculado a condutas de dominação. As posturas de dominância se revelam presentes em dois níveis: nas relações sociais, com o exercício da “superioridade masculina”; e na sexualidade pelo papel ativo nas relações. (Almeida, 1995; Cecchetto, 2004; Grossi, 2004). A primeira postura, presente nas relações de sociabilidade, se configura através da prática da violência. Nesse sentido, o “homem” deve instituir relações de poder, junto aos demais, pela agressividade física e discursiva. Contudo, o padrão hegemônico de masculinidade não se constitui somente pelo exercício da dominação e da hostilidade, mas também pela “interrelação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional” (Almeida, 1995, p. 150). Além disso, a masculinidade se estabelece pela negação da esfera feminina. Esse modelo dominante de “ser homem” é construído de modo relacional, ou seja, é edificado em proximidade ao padrão de feminilidade que foi encarado enquanto subalterno<sup>4</sup> no campo etnográfico. De tal forma, Almeida

expressa que as distinções se mostram presentes em questões, como:

[...] o domínio da esfera pública pelos homens; o duplo padrão: a divisão das mulheres entre puras (casáveis) e impuras; a compreensão da diferença sexual como dada por Deus, pela Natureza ou pela Biologia; a problematização das mulheres como opacas ou irracionais nos seus desejos e ações; e a divisão sexual do trabalho (Almeida, 1995 p. 153).

De todo modo, foi possível visualizar alguns elementos de masculinidade hegemônica presentes nas dinâmicas de sociabilidade deste conjunto de jovens. As aproximações entre masculinidade e smartphones ressignificaram esses dispositivos dentro dos contextos juvenis os quais as interações são colocadas em prática.

Por fim, para alcançar aos objetivos dispostos para este artigo foi realizada uma etnografia junto a um grupo de treze jovens a fim de identificar as influências desses artefatos nos circuitos de sociabilidade juvenis<sup>5</sup>. A etnografia é uma abordagem teórico/metodológica (Peirano, 2014) de caráter qualitativo e de raízes descritivas que visa realizar uma exposição de diversos fenômenos e características sociais e culturais de um determinado grupo social. O percurso etnográfico nos levou a dois espaços: a sala de aula e os sites de rede social dos participantes da pesquisa. Nesse sentido, as contribuições de Christine Hine (2015), a fim de delimitar um campo etnográfico para a internet foram fundamentais. Deste modo, o processo etnográfico nos levou observar os fenômenos culturais ao redor dos smartphones nas dinâmicas de sociabilidade de oito meninos e cinco meninas, estudantes do terceiro ano da instituição de ensino “Acampamento das Flores”<sup>6</sup>.

A oportunidade de visita a essa escola surgiu com a chegada de Leon, um dos estudantes do ensino médio, ao grupo de pesquisa o qual participamos. Nossa aproximação aconteceu através dos encontros que realizávamos na Universidade Federal de Santa Maria, o que progressivamente possibilitou a imediação com o colégio em que o adolescente estudava. Nesse ponto é necessário frisar que a participação e colaboração de Leon com o cenário da pesquisa foi imprescindível. A estruturação de um laço de confiança com o primeiro partici-

<sup>4</sup> Ao longo das observações pudemos perceber alguns elementos de performatividade feminina, entretanto, os olhares da pesquisa estão voltados para as atividades de sociabilidade atravessadas pela questão da masculinidade hegemônica.

<sup>5</sup> Vale elucidar que este artigo resulta de uma dissertação de mestrado.

<sup>6</sup> Nome fictício para preservar o anonimato da escola e dos seus alunos e professores.

pante corroborou para a aproximação com o campo do colégio Acampamento das Flores e, conseqüentemente, com o grupo de jovens participantes e de professores da escola. Além disso, posso dizer que alguns dos dados empíricos observados em campo surgiram da relação de confiança estipulada entre pesquisador e participantes da pesquisa. Ao fim, apresentamos que Leon não foi um simples informante privilegiado, mas alguém que contribui nas reflexões desse estudo.

Além disso, o processo de aproximação com a instituição de educação foi gradativo, pois, se iniciou através da primeira visita a instituição, em novembro de 2016, e se consolidou apenas a partir de abril de 2017, durante a normalização do período letivo após um breve período de paralização dos docentes. O acordo de aproximação foi organizado com a ajuda de Roberta, a coordenadora pedagógica da escola, que concordou que o estudo fosse desenvolvido através de uma série de encontros e atividades que se iniciaram em abril de 2017 e se enceraram ao final de agosto do mesmo ano. Os primeiros encontros foram destinados a quatro atividades pedagógicas para a turma do terceiro ano do ensino médio – a mesma turma de Leon. Em suma, o trabalho etnográfico com os jovens se perpetuou até janeiro de 2018 com a realização de observações participantes e entrevistas no cenário da sala de aula e das plataformas de conversação *on-line*.

No demais, os treze participantes da pesquisa se apresentaram de forma heterogênea. Diante desse ponto é interessante apontar que esses jovens pertencem às camadas populares, além disso, alguns já estão inseridos no mercado de trabalho, outros já têm um relacionamento afetivo estável, alguns gostam de sair à noite, outros preferem ficar em casa, entretanto, as práticas de conflito e competição foram perceptíveis nas relações de todos os participantes da pesquisa. Acreditamos que um dos principais motivos para a instauração desses embates mediados pelos smartphones é a demarcação das diferenças entre o grupo de jovens. Por fim, as considerações percebidas em relação à influência desses dispositivos nas sociabilidades juvenis foram resultado do período de dez<sup>7</sup> meses de observações, entrevistas e atividades realizadas junto aos participantes da pesquisa.

Contudo, as práticas de sociabilidade dos jovens pesquisados são perpassadas por elementos que estão em proximidade com o padrão de masculinidade hegemônica. Portanto, a investigação das performances de masculinidade desses jovens se mostrou relevante a fim de analisar as condutas que cercam as sociabilidades medidas pelos smartphones, como: a agressividade, a virilidade e a competitividade (Almeida, 1995; Grossi, 2004; Cecchetto, 2004).

### **“E aí galera!”: sobre os smartphones nas dinâmicas de sociabilidade juvenis**

Somente no Brasil, o ano de 2017 iniciou com aproximadamente 243,4 milhões de telefones celulares<sup>8</sup> – número maior que a população do país. Assim, a forte disseminação e evolução tecnológica desses dispositivos, além da propagação da banda larga, permitiram que os smartphones fossem encarados como uma via de acesso mais econômica para a rede mundial de computadores. A constante presença desses dispositivos no cotidiano da população corroborou para que esses artefatos englobassem variadas práticas de consumo que se distinguem de acordo com os contextos em que estão inseridos. Somente em 2016, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta que, pela primeira vez, o número de casas brasileiras com computadores e notebooks diminuiu, entretanto, a quantidade de acessos à internet pelo smartphone aumentou – a razão para esse fato, explicou o Instituto de Pesquisa, foi que pela primeira vez em 11 anos, a renda dos brasileiros diminuiu. Os motivos para esse fato se encontram no custo benefício dos smartphones e na facilidade de acesso à internet, pois, são dispositivos que atendem as questões de portabilidade e mobilidade.

A inserção dos dispositivos móveis no tecido social permitiu que os smartphones fossem encarados pela sociedade como um item de necessidade. Os anseios por manter-se conectado junto aos demais usuários corroboraram para que esse artefato se tonasse uma peça única e repleta de histórias que acompanham a cada proprietário. Cada uma dessas histórias

---

<sup>7</sup> De abril de 2017 a janeiro de 2018.

<sup>8</sup> De acordo com os dados, telefones celulares e smartphones estão sendo usados como termos intercambiáveis.

evidência a importância cultural que o smartphone veio ganhando ao longo da sua popularização. As práticas de consumo globais e locais estão, constantemente, produzindo novos sentidos e significados para estes dispositivos. Os aparelhos celulares foram criados com o intuito de colocar as pessoas em contato, porém, suas distintas atualizações, modificações e, principalmente, apropriações corroboraram para que os modos de interação, comunicação e sociabilidade fossem sendo modificados.

Cada sociedade cria significado para as suas distintas práticas de consumo as quais são marcadas por atributos econômicos, sociais, culturais, geracionais e etc. Nesse sentido, cada aparelho é incorporado de sentidos de acordo com as particularidades e normas culturais que está em proximidade. Para sustentar essa perspectiva, amparamo-nos nas contribuições de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004). Logo, através da ótica da antropologia do consumo articulamos as influências das práticas de consumo de smartphones no contexto das culturas juvenis.

Os autores suscitam pensar em uma perspectiva cultural do consumo que é marcada pelas relações entre bens materiais e sociedade. Portanto, o consumo engloba um sistema de significações que cria sentidos e rituais para o ato da compra (Douglas e Isherwood, 2004). Para os autores o consumo é uma realidade cultural e coletiva (2004). A compra de bens materiais é permeada por significados culturais que aproximam os objetos das relações sociais. Consumir torna-se um ato social construído por rituais culturais e simbólicos que criam novos sentidos para os bens. Ainda segundo os autores, o consumo serve para aproximar e afastar relações entre indivíduos sociais. Os bens materiais, isoladamente são neutros, todavia os seus usos são socialmente construídos e incorporados de significado, portanto, esses bens “podem ser usados como cercas ou como pontes” (Douglas e Isherwood, 2004, p. 36). O consumo atua com o propósito de traduzir as relações sociais e os atravessamentos que o mundo dos bens possui na esfera social. Assim, a significação desses objetos inseridos em sociedade é um passo para questionar as relações que são instituídas junto aos bens materiais.

De acordo com as proposições sobre a perspectiva antropológica do consumo, de-

duzimos que o consumo de smartphones pelas culturas juvenis possibilitou que esses aparelhos fossem ressignificados com a finalidade de criar novos sentidos para as ações em que estão em mediação. No contexto histórico, as gerações mais novas nasceram e acompanharam a popularização e a evolução tecnológica desses aparelhos que atualmente são tão presentes nos contextos sociais. Para muitos desses jovens, o primeiro telefone celular ou smartphone foi um presente dos pais como uma forma de controle e vigilância, tal qual pontuam os estudos de Nicolaci-da-Costa (2006). De todo modo, as práticas de consumo desses dispositivos pelos jovens auxiliaram na construção da sua própria linguagem, interação e circuitos de sociabilidade. Contudo, a principal prerrogativa para essas dinâmicas é a conexão à internet via smartphone. Nesse sentido, os participantes da pesquisa expõem que não fazem ligações telefônicas e não enviam SMS<sup>9</sup>, alegando utilizar apenas as funcionalidades dos smartphones, como o uso de aplicativos e plataformas de conversação *on-line*.

A juventude está vinculada a cena digital e as práticas de consumo destes itens tornam-se uma ação de inserção nos grupos sociais. Ter um smartphone de uma determinada marca, estar presente em uma mídia digital e participar de um grupo de mensagens instantâneas são pontos influentes para os jovens pesquisados. Segundo Gisela Castro, a juventude contemporânea é fruto do consumo de distintas telas e pela participação na esfera digital (2012). A autora denomina a esses jovens multissintonizados de *screenagers* – que é a união de *teenager* (adolescente em inglês) e *screen* (tela em inglês) (Castro, 2012, p. 62). Essa juventude é marcada pelo uso de dispositivos eletrônicos que conseqüentemente se tornaram “equipamentos mais leves, portáteis e de uso cada vez mais individualizado” (Castro, 2012, p. 64) – como os telefones celulares e smartphones. Diante disso, conseguimos visualizar que os usos dos smartphones pelos jovens pesquisados são atravessados por duas esferas de sociabilidade: o conflito e a competição. Estas duas esferas estão conectadas aos aparelhos celulares através de um conjunto de táticas utilizadas pelos jovens com o intuito de efetivar as dinâmicas de sociabilidade desses indivíduos.

<sup>9</sup> Short Message Service, expressão inglesa que significa ‘serviço de mensagens curtas’ em português.

Em vista desse ponto, é necessário refletirmos sobre dois os modos de interação estabelecidos entre esses indivíduos: o conflito e a competição. Os dois modelos de sociabilidade são a configuração de lutas sociais, entretanto, apenas o conflito engloba quesitos de hostilidade entre os interagentes. A competição pode ser observada através da lente da oposição e mobiliza o grupo dentro de uma dinâmica de jogo – com princípios de vitória e derrota. A competição cria embate, contudo, o conflito está relacionado ao nível da agressividade e pode gerar esfacelamento ou ruptura da estrutura social (Recuero, 2011). Para os participantes, os conflitos assumem uma lógica de “rebate”, sendo a cada momento lançados e, posteriormente, rebatidos pelos jovens. Logo, tais discussões evocam um funcionamento de jogo, ou seja, buscam prover divertimento entre os participantes. Visto por esta lente, os confrontos são criados a fim de provocar e causar graça. Em geral, dois jovens adotam papéis argumentativos diferentes e iniciam um conflito arraigado por provocações e xingamentos, os demais participantes que frequentam os circuitos conflitivos entretêm-se com as táticas (Certeau, 1998) utilizadas pelos oponentes para provocar e para se afirmar diante dos demais, o que corrobora para a perpetuação do conflito.

De modo distinto, as competições não são firmadas em decorrência de embates ideológicos e nem sequer buscam ferir os oponentes. A função dessas disputas é firmar uma hierarquia social entre o grupo de participantes através do uso de estratégias que demonstram destreza argumentativa por parte dos componentes do duelo. Os quadros de competição, de modo geral, também assumem uma dimensão de jogo e são constituídos por um vencedor e um perdedor. Os jovens que assumem o topo da estrutura são aqueles que desempenham as melhores táticas para refutar as alegações do oponente colocando-o em um nível de inferioridade. Os artifícios aplicados nesse jogo são testemunhados por uma plateia que é capaz de averiguar quem saiu vencedor ou perdedor do duelo argumentativo (Goffman, 2009). Contudo, as posições dentro da hierarquia são dinâmicas e revelam que as batalhas competitivas não apresentam sempre os mesmos ganhadores. Segundo um dos participantes da pesquisa, os quadros de competição são instaurados a fim de que alguém possa se sentir “melhor do que o outro” a partir do desarme argumentativo do oponente.

Por conseguinte, as ações de sociabilidade podem ser expressas de modo distinto e apresentar impactos divergentes para cada grupo social (Recuero, 2014). Assim, as dinâmicas de sociabilidade atravessadas pelo conflito e pela competição se expressam de modo peculiar para os jovens pesquisados. De todo modo, pudemos notar algumas relações de cooperação, contudo, essas ações são expressas em regiões de bastidores (Goffman, 2009), áreas em que não há a presença de professores, coordenação pedagógica ou de membros que não compõem a equipe dos jovens participantes. Segundo Goffman, os membros de uma equipe mantêm relações de intimidade e conservam um vínculo de cooperação e formalidade. Nesse sentido, a expressão: “a gente se ama e se odeia ao mesmo tempo”, é uma frase proferida por um dos participantes da pesquisa e que é capaz de ilustrar as relações de cooperação, conflito e competição desempenhadas por esses indivíduos.

Em suma, as dinâmicas de competição e conflito se mostraram palpáveis para uma análise das práticas de consumo de smartphones pelos participantes da pesquisa. Deste modo, as interações mediadas por esses dispositivos, tanto dentro como fora da esfera digital, foram investigadas com o intuito de pesquisar o impacto dos smartphones nas dinâmicas de sociabilidade estabelecidas por esse grupo de jovens.

Diante desse ponto, a noção de polidez (Recuero, 2014) é essencial para a compreensão das interações estabelecidas entre esses jovens. A polidez, segundo Raquel Recuero (2014, p. 92) é “um dos rituais da conversação sobre os quais a conversação também se limita e se organiza”. Logo, a noção de polidez faz menção a regras e convenções internalizadas a fim de organizar relações harmoniosas entre os participantes. De todo modo, como percebido, o grau de intimidade construído ao longo de anos de convivência entre os participantes permitiu que o grau de polidez entre esses jovens fosse abrangente, consentido expressões de xingamentos e de palavras de baixo-calão, que na maioria das vezes não são compreendidos enquanto uma ofensa. Contudo, acreditamos que as dinâmicas de interação observadas são atravessadas por atividades de masculinidade hegemônica, o que eventualmente contribui para a instauração de episódios conflitivos e competitivos. Portanto, foi necessário debruçarmo-nos sobre essas sociabilidades através da lente dos estudos de masculinidade.

## Conflito e competição: práticas de masculinidade mediadas pelos smartphones

Com o advento da modernidade a juventude passa a ser uma temática impulsionada pelo discurso midiático através de programas televisivos, propaganda e também pela moda. O “ser jovem”, representado pelas capas das revistas, novelas e anúncios comerciais é poder deter da liberdade de usufruir o melhor que esta fase da vida pode oferecer. Segundo Kehl (2004), “o adolescente nas últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos antissociais, para se transformar no modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as faixas etárias” (p. 93). Nesse sentido, a construção midiática entoa discursos para conquistar o público *teen* – faixa de mercado que recebe a atenção das corporações – e passa a ganhar visibilidade.

Ainda segundo Kehl, “a associação entre juventude e consumo favoreceu o florescimento de uma cultura adolescente altamente hedonista” (2004, p. 93). Ser jovem passa a ser a tendência mercadológica das últimas décadas, o qual identificou na população que têm entre 12 e 24 anos, uma possibilidade de setor de venda e um público já etiquetado pelos seus comportamentos e estereótipos. Dentro desses parâmetros, o mercado apropriou-se da aproximação do jovem com o consumo de tecnologias da informação e comunicação (TICs). Desta forma, as tecnologias digitais configuram um cenário para a construção das redes de sociabilidade juvenis. Estar conectado torna-se uma necessidade que é evidenciada pelas contas em distintas mídias digitais como *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *YouTube* e outras plataformas. Por conseguinte, o ponto apresentado por Martín-Barbero (2008) é imprescindível para uma reflexão sobre as juventudes em articulação com as tecnologias digitais. Logo, o autor expressa que “a tecnologia é, hoje, uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido – redes e interfaces – de construção da subjetividade” (p. 20). Diante de tais pontos, iniciamos uma reflexão sobre a mediação das tecnologias digitais na construção das sociabilidades juvenis.

Contudo, é necessário, em primeiro lugar, apresentar o que entendemos por juventude. Assim, mais do que uma construção midiática, a juventude é uma construção social que

adquire inúmeros sentidos de acordo com a sua inserção em distintos contextos históricos e geográficos. Porém, para tentar desvendar as inquietações por trás desse conceito nos amparamos em Bourdieu (1983) e Abramo (2005). Para o sociólogo francês, “juventude” nada mais é do que “apenas uma palavra” (1983). Ainda segundo o autor, juventude é uma invenção social, construída dentro da estrutura da sociedade através de lutas de poder entre grupos geracionais (1983, p. 113). A construção das representações para uma idade biológica é fruto de manipulação social, que institui modos de comportamento juvenil os quais etiquetam as categorias etárias. Desta forma, Bourdieu expõe que o conceito de juventude não se sustenta por si só, pois é incapaz de englobar uma população e seu conjunto de particularidades dentro de uma categoria etária na estrutura social (Abramo, 2005, p. 42). O conceito de juventude é determinado por um conjunto de particularidades e atravessamentos que buscam evidenciar o comportamento e a representação da cultura juvenil. Portanto, precisamos pensar em juventude na sua pluralidade, ou seja, em “juventudes” (Abramo, 2005; Guimarães, 2005; Souza, 2005; Cassab, 2011), pois, a complexidade de refletir sobre esse conceito na sua singularidade só aumenta. Inúmeras esferas estão em proximidade das juventudes, de todo modo, os achados etnográficos nos levaram a observar as práticas de masculinidade hegemônica expressas nas dinâmicas de sociabilidade desse grupo de jovens.

Portanto, percebemos o smartphone enquanto um artefato cultural repleto de cargas simbólicas que é capaz de constituir sociabilidades por meio de elementos que se aproximam do padrão de masculinidade hegemônica. Por esse ponto, amparamo-nos em Connell e Messerschmidt (2013), Almeida (1995), Cecchetto (2004) e Grossi (2004) para delimitação teórica da masculinidade hegemônica. Logo, entendemos esse conceito enquanto as atividades e características que constituem o entendimento de uma masculinidade dentro de uma determinada cultura – no nosso caso, a brasileira – a qual subordina outros modelos de masculinidade (Connell e Messerschmidt, 2013; Almeida, 1995). As delimitações de um comportamento social que é convencionalizado para os homens é o que estabelece uma masculinidade hegemônica. Ao fim, com as contribuições dos autores, investigamos, a partir das dinâmicas de sociabilidade dos jovens

pesquisados, três condutas de masculinidade vigentes no modelo hegemônico brasileiro: a agressividade, a virilidade e a competitividade. De todo modo, o padrão hegemônico de “ser homem” não é fixo, pois, é incorporado por condutas distintas em diferentes extratos sociais, neste sentido, o que se estabelece enquanto normativa é a posição de dominação assumida pelos homens em relação às mulheres. (Connell e Messerschmidt, 2013).

Grossi (2004) apresenta que as distinções simbólicas atreladas ao gênero são construídas por meio dos corpos; logo, as performances de masculinidade hegemônica nas dinâmicas de sociabilidade são expressas através da corporalidade dos indivíduos. Segundo Butler (1990), essas relações são produzidas por meio de uma performatividade de gênero. Ainda de acordo com a autora, o gênero é fundamentado por ações e expressões em repetição os quais constituem as condutas dos gêneros.

Por conseguinte, a transformação do corpo em uma dimensão viril é o que cria sustentação para a masculinidade de cada indivíduo. Sendo assim, alguns rituais de masculinidade visam demarcar o corpo, a sexualidade e as performances de masculinidade pública relacionada às práticas de consumo de telefones celulares, como identificado por Silva em sua tese (Silva, 2012). Como exemplo, elementos como os músculos passam a configurar um cenário de exibição do que é ser homem, pois, são indicativos de força e marcas de um corpo construído através da violência contra si (Grossi, 2004). Portanto, a materialidade do corpo atua enquanto palco para as relações de dominação efetivadas pela virilidade (Cecchetto, 2004).

De todo modo, é importante ressaltar que como a juventude, a masculinidade não é composta de modo singular. Existem incontáveis modelos de masculinidades, portanto, as concepções de “ser homem” são construídas culturalmente de acordo com os contextos em que estão inseridas. Contudo, no Brasil, o modelo de masculinidade hegemônica é firmado pelo contraste com aquilo que é considerado feminino (Grossi, 2004). Por conseguinte, os homens assumem o papel antagônico àquele que é assumido pelas mulheres: o da agressividade e da dominação. Assim, o indivíduo masculino se expressa enquanto dominante nas relações sexuais, sociais e de poder a partir da prática da hostilidade.

As características apontadas compõem o homem como um indivíduo que constrói o

seu papel de atividade através da dominação. Nesse sentido, analisamos as dinâmicas de sociabilidade dos jovens pesquisados em que estiveram em voga elementos que demarcam o modelo de masculinidade hegemônica. Para tal, observamos essas interações nos cenários de competição e conflito os quais estão em proximidade desse grupo de jovens. Portanto, acreditamos que essas práticas visam afirmar a identidade masculina por meio das dinâmicas de sociabilidade juvenis mediadas pelos smartphones.

### **Sociabilidade e masculinidade na tela dos smartphones: sobre conflito e competição**

Nesse momento, chegamos à análise das dinâmicas de sociabilidade identificadas. Logo, debruçamo-nos nas interações que evocam práticas conflitivas e competitivas. Destacamos que as dinâmicas de sociabilidade expressas pelos participantes denotam alguns elementos de masculinidade que estão em proximidade com o modelo hegemônico. O padrão dominante de “ser homem” não é assumido em totalidade pelos jovens meninos, de todo modo, os rapazes da turma se constituem em relação a exemplos de dominação e subordinação das meninas. De acordo com as contribuições de Robert Connell e de James Messerschmidt (2013):

*A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legítima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 5).*

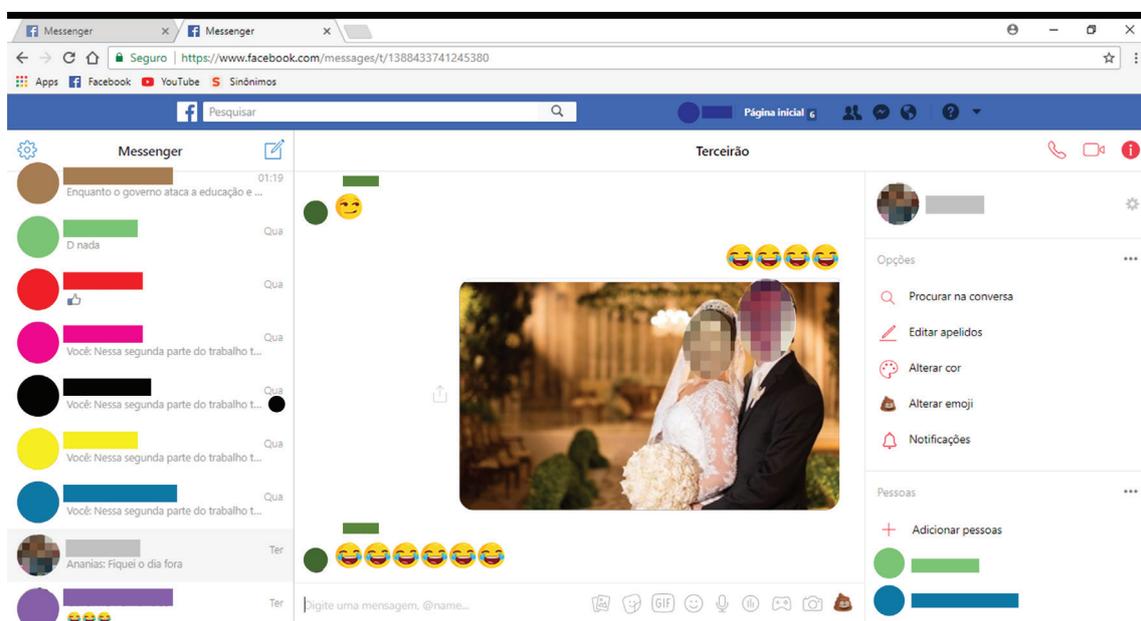
Nesse ponto, os jovens estudados manifestam através de suas falas e postagens fundamentos que demarcam a dominação do gênero masculino frente às sociabilidades estabelecidas. Assim, apresento os achados em relação às práticas de conflito e competição.

Os cenários observados em que se mostram visíveis as atividades de sociabilidade combativas foram: a sala de aula e a plataforma de conversação *on-line* do *Messenger*. De acordo com os participantes, os dois espaços estão sempre agitados por incontáveis assuntos, entretanto, uma das temáticas é imperativa em

relação ao restante do conteúdo: os conflitos. Nos embates na esfera *on-line*, os participantes se utilizam de ferramentas como *prints*<sup>10</sup>, montagens, áudios e *gifs* para lançar “indiretas” ou iniciar discussões. De acordo com os jovens, os conflitos acontecem por diversos motivos que vão desde: ofensas, problemas mal resolvidos e, até mesmo situações banais. Na sequência, a imagem (Figura 1) ilustra o conflito, aqui nomeado de “a foto de casamento”, o qual ocorreu em dois cenários: a sala de aula e o grupo de conversação *on-line* do Messenger. O princípio do embate começou no contexto da sala de aula com a visita do irmão mais novo de uma das meninas. Para os rapazes, a presença da criança foi motivo de gozação e piadas grosseiras. Nesse episódio, alguns dos meninos aproveitaram-se da ingenuidade do irmão mais novo da jovem para contar a ele algumas piadas e mentiras. Por meio da inocência do garoto, alguns dos adolescentes o convenceram de que Thiago, um dos seus colegas, era casado com uma das funcionárias do colégio. A notícia falsa foi motivo de risadas e provocações entre todos participantes do grupo, inclusive pelo próprio Thiago. Posteriormente, no mesmo dia, o cenário de gozação sobre o

“casamento” foi transferido para a plataforma *on-line* do Messenger. Mensagens de afronta seguidas de *gifs* e *emojis* começavam a perturbar Thiago que ainda encarava as provocações sem seriedade. O cenário que se encaminhava como um simples embate de teor cômico se transformou a partir do momento em que Leon publicou uma montagem no grupo de conversação *on-line*. A figura alterada em *software* era uma provocação que buscava simular o “casamento” entre Thiago e a funcionária da escola. Esta indireta em específico repercutiu e instaurou um grande conflito que foi arquitetado com xingamentos e provocações entre dois participantes, além de mobilizar os demais participantes que acompanhavam e perpetuavam a discussão.

Esse conflito em específico envolveu quase todos os participantes do grupo digital. Após o envio da imagem, o embate entre os dois jovens ficou cada vez mais acirrado e acabou sendo marcado pelo uso de palavras de baixo-calão, ofensas e indiretas. Nesse cenário conflitivo em específico, foi nítido o uso de ofensas que colocavam em contestação a masculinidade dos participantes. No decorrer do conflito, Thiago tornou-se mais agressivo e



**Figura 1.** *Print* de uma discussão entre os jovens participantes.  
**Figure 1.** Print of a discussion among young participants.

Fonte: Leon - interlocutor privilegiado da pesquisa.

<sup>10</sup> Captura em imagem de tela.

suas provocações e xingamentos começaram a fugir das fronteiras de polidez estipuladas. Todavia, após um longo período de troca de provocações entre Thiago e Leon na plataforma de conversação on-line, o cenário conflitivo do Messenger se apaziguou. Como última mensagem da discussão Leon enviou: “Deu por hoje, uma ótima treta para aliviar o stress”. Questionado sobre a mensagem, o jovem nos disse que não encara esses embates enquanto *bullying*<sup>11</sup>. Os eventos conflitivos construídos pelos participantes são marcados por palavras de baixo-calão, ofensas e indiretas, mas não são configurados entre os jovens como insultos. Para esses jovens o alto grau de intimidação e de diferenciação entre si corrobora para a constituição desse cenário de discussões.

Além disso, percebemos que muitas das vezes, os conflitos adquirem uma ordem de entretenimento e acabam sendo iniciados com o propósito de divertir os demais participantes do grupo. Nesse cenário, alguns dos jovens são protagonistas, sendo os principais atores a iniciar ou participar da discussão; os demais participantes acompanham, provocam ou se ausentam desse cenário. De acordo com Almeida (1995), pesquisador português que estudou as masculinidades em um pequeno povoado localizado em Portugal, o controle dos sentimentos e o domínio da habilidade de fazer rir, sem ser pelo exercício da tolice, configuram uma das táticas para gerir autoridade nas sociabilidades entre os homens. Nesse sentido, o participante que provoca a graça através de provocações e/ou pelo exercício da oratória acaba por desqualificar, perante os demais interagentes, os modelos de masculinidade daqueles que são foco da sua afronta. Por conseguinte, os indivíduos ridicularizados têm o seu nível de atividade posto em questionamento, o que os aproxima de uma posição “feminilizante”.

Ainda de acordo com os conflitos perpassados por elementos de masculinidade hegemônica foi possível identificar que alguns meninos assumem condutas agressivas com o objetivo de insultar verbalmente e questionar a masculinidade de outros jovens. Na questão de gênero, as meninas que participam das discussões e rebatem comentários grosseiros são atingidas também por comentários machistas e discursos de ódio que partem dos

próprios meninos. Os comentários agressivos ferem o corpo e o comportamento das meninas que são atacadas com frases de ódio. De todo modo, as meninas não se calam e perpetuam o conflito a fim de se defender das provocações dos meninos, contudo, reproduzem comentários de ódio que englobam conteúdos machistas e homofóbicos.

Por meio da ótica dos estudos de masculinidade percebemos que todos os participantes do sexo masculino exercem o desempenho da agressividade, o qual é utilizado para a manutenção das redes de sociabilidade. Nesse sentido, as dinâmicas de interação atravessadas pela esfera do conflito e da competição corroboram para a composição de uma hierarquia social entre o grupo de jovens. As observações etnográficas revelaram que as dinâmicas combativas são expressas em mediação aos smartphones em cenários como a sala de aula e a plataforma do *Messenger*. Em relação a esse último cenário, Miller e coautores (2016) expressam que as mídias sociais digitais aproximaram as relações entre estudantes, assentindo que mantenham contato até mesmo fora do período escolar; todavia, essa aproximação construída pela esfera digital também facilitou o exercício do *bullying*.

Na esfera do conflito as dinâmicas de interação atravessadas pela prática do embate exercem a função de manutenção dos circuitos de sociabilidade. Ainda que de grandes dimensões, os conflitos entre jovens não levam a quebras de laços de amizade. Para eles, esses confrontos dentro e fora da esfera digital são apenas uma dinâmica de sociabilidade que pode ser encarada enquanto uma forma de entretenimento o qual é mediada pelos smartphones.

Em relação ao cenário da competição podemos visualizar que ela se expressa em dois níveis: no nível da virilidade, e no nível da competição cognitiva. Na instância da masculinidade viril observei que alguns jovens expõem sua força e destreza como uma forma de afirmar a sua masculinidade. Normalmente, essas exposições acabam sendo cercadas pela competição na esfera dos esportes. Os conhecidos “meninos do futebol”<sup>12</sup> carregam em suas falas um arcabouço de conhecimentos que compreendem o universo futebolístico. Para esses jovens, muitos dos assuntos discutidos entre si têm como temática o cenário do fute-

---

<sup>11</sup> Entendemos bullying enquanto atos de violência física ou psicológica que agridem ou ofendem a um indivíduo.

<sup>12</sup> Expressão de uma das participantes da pesquisa para referir-se a um grupo de três jovens praticantes desse esporte.

bol, como: vitórias e derrotas, classificação do campeonato e transição de jogadores. A principal rixa existente é entre os jovens que se dizem ser torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e do Sport Clube Internacional. No contexto em que essa pesquisa foi realizada, os dois times não estavam participando do mesmo campeonato e tiveram poucos confrontos ao longo do ano, contudo, as competições surgiam a fim de apontar quais eram os altos e baixos de cada equipe. Entre os argumentos apresentados eram incluídos gols marcados, posição na tabela ou títulos alcançados. Quando as discussões eram esvaziadas de argumentos se iniciavam os xingamentos que podiam ser direcionados tanto para o jovem locutor da argumentação quanto para os personagens do cenário do futebol. Segundo Grossi, amparada em Daniel Welzerlang (2004, *apud* 2001), os “esportes masculinos” são pontos-chaves para a formação da masculinidade do indivíduo. Ainda nessa questão, foi possível perceber que as lógicas de competição por meio dos esportes também são diretamente mediadas pelos smartphones. Através de aplicativos como “Cartola FC<sup>13</sup>” os jovens falam sobre as pontuações realizadas com a escalação dos seus times e comentam sobre os resultados da rodada esportiva do brasileirão que aconteceu no final de semana. Portanto, as competições são instauradas para perceber quem é o jogador que atinge maior pontuação ao longo da rodada de jogos. Nesse nível, a expertise em relação aos esportes e a rivalidade nessas disputas se configuram como táticas para atestar alguns elementos da masculinidade desse grupo de jovens.

Diferente dos meninos do futebol, Thiago se dedica a outro esporte que constitui o seu nível de competitividade: o fisiculturismo. Nas falas de Thiago percebemos que em inúmeros momentos o jovem comenta sobre a sua academia e o crescimento de seu rendimento físico. Além disso, houveram alguns momentos em que Thiago levou uma garrafa de *Whey Protein*<sup>14</sup> para a sala de aula. De todo modo, o envolvimento de Thiago com o ambiente de academia é “zoador” pelos seus colegas. Contudo, é através da prática do fisiculturismo que Thiago afirma a sua virilidade por meio de fotografias que publica em plataformas

como *Facebook* e *Instagram*. As imagens postadas são maneiras de o jovem evidenciar o seu crescimento físico e construir uma identidade masculina viril. Segundo Grossi (2004, p. 8), “é pela violência contra si mesmo que se faz a masculinidade”. Por meio de postagens como “No Pain, no Gain<sup>15</sup>”, Thiago afirma a sua masculinidade por meio dos flagelos que a cultura do corpo perfeito inflige. Nesses cenários, é através da dor e da disciplina que o participante constrói a sua virilidade por meio da constituição do corpo visto como “forte” e “perfeito”.

O segundo nível de sociabilidade presente na competição diz respeito às questões de nível cognitivo. Nesse quesito, visualizamos que os jovens meninos se portam como adversários em relação ao melhor desempenho nas matérias escolares. Diante dessas ponderações, dois jovens chamam a nossa atenção: Leon e Thiago. Ambos os jovens apresentam o que poderíamos considerar “o melhor desempenho” nas matérias escolares de sua turma. Suas notas são na maioria das vezes altas e satisfatórias. Deste modo, Leon e Thiago instauraram uma competição escolar que se evidencia através de notas de provas, boletins e exercícios realizados. O duelo cognitivo é regado por provocações que acontecem quando um dos participantes erra alguma das questões ou exercícios realizados em sala de aula, ou também, falha na constituição gramatical durante alguma discussão no cenário digital. Nesse sentido, as provocações no duelo cognitivo e a postagem de fotos do corpo másculo em plataformas digitais são encaradas como táticas para afirmar a rivalidade e a virilidade entre os participantes estudados. Portanto, essas ações buscam reconhecer uma masculinidade enquanto dominante, subvertendo e julgando como inferiores os demais modelos de masculinidade presentes nas dinâmicas de sociabilidade desses jovens (Almeida, 1995).

## Considerações finais

As conclusões que são apresentadas ao final desse artigo são preliminares e isso se justifica devido ao fato do campo ainda estar em construção. De todo modo, percebemos que

<sup>13</sup> Cartolas FC é um jogo fictício de futebol no qual as pessoas escalam a sua equipe com jogadores de futebol que estão em atuação. O jogo foi lançado no ano de 2005 para computador e, atualmente, possui uma versão para mobile.

<sup>14</sup> Produto derivado do soro do leite e que possui alto valor nutricional e é utilizado para complementar as necessidades diárias de proteína.

<sup>15</sup> Tradução de: “Sem dor, sem ganho”.

o smartphone assume o papel de um artefato simbólico o qual é ressignificado a fim de atender as necessidades de interação entre os jovens aqui pesquisados. Portanto, utilizar o smartphone como dispositivo de via de acesso à internet se torna uma ação a fim de garantir presença nos cenários digitais. As sociabilidades mediadas por esse dispositivo configuram atividades de manutenção dos laços sociais estabelecidos entre os participantes. Porém, identificamos que essas dinâmicas estão amparadas por performances de masculinidade hegemônica que são manifestadas pelos participantes da pesquisa com o intuito de consolidar as suas condutas tanto dentro como fora da esfera digital.

Preliminarmente, concluímos que as relações atravessadas pela ordem conflitiva e competitiva são constituídas com a finalidade de demarcar uma hierarquia social dentro do grupo de jovens. A expressão “a gente se ama e se odeia ao mesmo tempo”, limita um cenário que é constituído por relações de conflito, competição e cooperação, ambas atuando simultaneamente no contexto dos participantes. De todo modo, os embates travados a fim de disputar uma posição dentro da hierarquia social desses indivíduos são dinâmicos, pois, estão a todo o momento sendo travados pelos participantes que evocam um conjunto de táticas para tentar vencer esses duelos.

Consequentemente, os jovens que apresentam posicionamentos ideológicos antagônicos têm maior propensão a instaurar episódios de conflito ou competição. No nível dessa sociabilidade assentida pelos participantes, percebemos que o nível de polidez entre os jovens é abrangente a ponto de permitir que xingamentos, provocações e palavras de baixo calão não sejam identificados como *bullying*. Nesse sentido, acreditamos que o nível de intimidade instaurado por longos anos de companheirismo em sala de aula tenha influenciado na estruturação de uma polidez abrangente. No entanto, para as meninas o cenário de xingamentos e provocações muitas das vezes é encarado como agressivo.

Portanto, as sociabilidades atravessadas por práticas de conflito e competição se mostram imperativas nas interações estabelecidas entre esse grupo de jovens. Essas dinâmicas são alimentadas por um conjunto de táticas que estruturam os campos de discussão a fim de afirmar as masculinidades e as hierarquias em que os participantes estão dispostos. Assim, em quadros de enfrentamento são utiliza-

dos provocações, ofensas, áudios e imagens a fim de medir forças com os demais atores participantes. Visto por esta ótica, identificamos que as disputas hierárquicas são permeadas por elementos de se aproximam do modelo hegemônico de masculinidade. Os confrontos realizados entre esse grupo de jovens têm como propósito a exposição de performances de agressividade, virilidade e competitividade, além de instaurar relações de dominação entre o grupo de participantes. Ademais, constatamos que as masculinidades desses indivíduos são construídas através de exercício dos embates que são travados entre os adolescentes, logo, elas são formadas em um jogo de relações que é agressivo e competitivo. As performances desempenhadas por esses indivíduos são reforçadas pela reprodução constante dessas práticas, deste modo, as disputas são reiteradas pela sua replicação nos circuitos de sociabilidade desse grupo de adolescentes.

Em relação às práticas de conflito e de competitividade percebemos que ambas são atravessadas por uma lógica de divertimento. Portanto, essas interações assumem característica de jogo o qual o “ataque” e o “contra-ataque” são as principais estratégias efetivadas. Os atores que exercem essas duas dinâmicas disputam as relações de poder para assim configurar a estrutura hierárquica estabelecida. Em suma, os jovens confessaram que esses embates são encarados com tom de diversão, pois, demarcam interação e entretenimento, principalmente, para os participantes que só acompanham esses conflitos. Nesse sentido, o indivíduo que consegue através do humor diminuir a imagem de seu adversário “vence” a disputa estabelecida. De tal forma, a graça compõe o arsenal de táticas que são manipuladas para a afirmação da masculinidade desses jovens.

Ao fim, as práticas de consumo aqui identificadas são representações de usos locais de um grupo de jovens envolto por questões culturais particulares. Portanto, dentro de uma perspectiva antropológica do consumo compreendemos que os smartphones, quando marcados pelas interações sociais, são enriquecidos de sentido que se diferenciam por questões culturais e simbólicas (Douglas e Isherwood, 2004). Em suma, constatamos que as dinâmicas de sociabilidade juvenis transformam os usos dos smartphones com o intuito de ressignificar as experiências desses indivíduos. Esses novos significados atribuídos a esses dispositivos demarcam o seu impacto nos circuitos de sociabilidade e moldam as interações presentes nas

esferas conflitivas e competitivas do grupo de participantes da pesquisa.

## Referências

- ABRAMO, H.W. 2005. A Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: H.W. ABRAMO; P.P.M. BARNCO (ed.), *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Rio de Janeiro, Fundação Perseu Abramo, p. 37-73.
- ALMEIDA, M.V. de. 1995. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa, Fim de Século, 264 p. <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.459>
- BOURDIEU, P. 1983. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 112-121.
- BUTLER, J. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York; London, Routledge, 172 p.
- CASSAB, C. 2011. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Revista de História*, Juiz de Fora, out./dez., 17(2):145-159. Disponível em: [www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf](http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf). Acesso em: 19/05/2017.
- CASTRO, G. 2012. Screenagers: entretenimento comunicação e consumo. In: L. BARBOSA (org.), *Juventude e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre, Sulina, p. 61-77.
- CECCHETTO, F.R. 2004. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 245 p.
- CERTEAU, M. 1998. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 351 p.
- CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. 2013. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, jan./abr., 21:241-282. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 06/04/2018. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. 2004. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 303 p.
- GROSSI, M.P. 2004. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, 75:1-37. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br>. Acesso em: 06/10/2017.
- GOFFMAN, E. 2009. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 17ª ed., Petrópolis, Vozes, 251 p.
- GUIMARÃES, N.A. 2005. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: H.W. ABRAMO; P.P.M. BARNCO (ed.), *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Rio de Janeiro, Fundação Perseu Abramo, p. 149-174.
- HINE, C. 2015. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London, Bloomsbury, 221 p.
- KEHL, M.R. 2004. A juventude como sintoma da cultura. In: R. NOVAES; P. VANNUCHI (ed.), *Juventude e Sociedade*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, p. 89-114.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2008. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: S.H.S. BORELLI; J. FREIRE FILHO (ed.), *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo, EDUC, p. 9-32.
- MILLER, D.; COSTA, E.; HAYNES, N.; MCDONALD, T.; NICOLESCU, R.; SINANAN, J.; SPYER, J.; VENKATRAMAN, S.; WANG, X. 2016. *How the World Change the Social Media*. London, UCLPRESS, 262 p.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. 2006. Celulares: A emergência de um novo tipo de controle materno. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, set./dez., 18(3):88-96. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/viewissue.php?id=8>. Acesso em: 13/04/2017.
- PEIRANO, M. 2014. Etnografia não é Método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, jul./dez., 20(42):377-391. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>. Acesso em: 10/04/2017.
- RECUERO, R. 2014. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 238 p.
- RECUERO, R. 2011. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 206 p.
- SILVA, S.R. 2012. Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, nov., 9(26):61-82.
- SOUZA, M.A.A. 2015. A juventude no plural: Anotações sobre a emergência da juventude. In: R. ALVIM; T. QUEIROZ; E. FERREIRA JR. (ed.), *Jovens e Juventudes*. João Pessoa, Editora Universitária – PPGS/UFPB, p. 89-107.

Submetido: 06/12/2017  
Aceito: 17/04/2018